



Anita Garibaldi:

a construção de uma heroína em biografias populares (1849-1999)

Helen Lemos Bregantin¹

Recebido em: 31/03/2019

Aceito em: 26/04/2019

RESUMO

O presente trabalho descreve os caminhos em que a personagem histórica Anita Garibaldi percorreu se transformando em heroína, desde sua morte no ano de 1849 até o ano de 1999. O recorte percorre dois séculos, mas a visão de Anita como heroína demorou a se manifestar, percebendo-se mudanças significativas a partir de meados do século XX. O período transita pela República, a imigração dos italianos até as comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil, qual é lançada a biografia de Paulo Markun, “Anita Garibaldi-uma heroína brasileira” (1999). Também foram analisados documentos e outras biografias que colaboram para analisar o contexto, a origem da fonte e enfim, o processo de transformação da brasileira em heroína, como declarações de militares que lutaram do lado oposto ao casal Garibaldi, onde vangloriavam Anita e sua coragem já no século XIX. Jornais como o “Correio Mercantil” do Rio de Janeiro, “A Federação” de Porto Alegre e “Diário da Tarde” de Curitiba puderam contribuir não apenas com declarações de personas, mas com obras de teatro sobre Anita, lembranças de décadas e centenários de morte e memorandos em prol da mulher qual ela estava presente.

Palavras-chave: Anita Garibaldi. Biografias. Popular.

Anita Garibaldi: the construction of a heroine in popular biographies (1849-1999)

ABSTRACT

The present work describes the ways in which the historical personage Anita Garibaldi went through transforming into heroine, from her death in the year 1849 to the year 1999. The cut goes through two centuries, but the vision of Anita as a heroine was slow to manifest, perceiving significant changes from the mid-twentieth century. The period passes through the Republic, the immigration of the Italians until the commemorations of the 500 years of discovery of Brazil, which launches the biography of Paulo Markun, "Anita Garibaldi - a Brazilian heroine" (1999). In addition to the biographies that contemplate different moments of the journey to be traversed in search of Anita - heroine, documents that collaborate to analyze the context, the origin of the source and, finally, the transformation process of the Brazilian heroine. Military statements were found that fought on the opposite side of the Garibaldi couple, where they boasted of Anita and her courage as early as the 19th century. Newspapers such as the "Correio Mercantil" in Rio de Janeiro, "The Federation" in Porto Alegre and "Diário da Tarde" in Curitiba were able to contribute not only to statements by people, but also to plays about Anita, memories of decades and centenarians of death and memos for the woman she was present.

Keywords: Anita Garibaldi. Biographies. Popular.

¹ Mestre em História Sociocultural pela Universidade Paulista (UNESP-Franca),
https://www.s.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=DD662979B2068E834978CD4FF22E68CD# ;
helenbregantin@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Ana Maria de Jesus Ribeiro (1821-1849), brasileira de Santa Catarina, foi uma personagem que, apesar de figurar em livros de história como personagem de destaque, para muitos, não teve uma importância relevante nos desdobramentos ou, mesmo, no desfecho da Revolução Farroupilha,² evento histórico ao qual, não obstante, seu nome permaneceu vinculado. Embora tenha permanecido na memória de muitos como uma mulher excepcional, Anita surge, quase sempre, a reboque das imagens produzidas sobre seu marido, o italiano Giuseppe Garibaldi (1807-1882).

A reputada “heroína de dois mundos”, expressão geralmente usada para designar o marido - Giuseppe Garibaldi o herói de dois mundos -, ficou conhecida ao mesmo tempo como uma mulher de origem algo duvidosa, zelosa esposa, hábil amazona e guerreira, que acompanhou o italiano unificador da Itália e herói da Farroupilha até que teve o cadáver encontrado em uma cova rasa na distante Europa.

Mesmo a historiografia especializada nos estudos sobre o conflito civil que marcou a Província do Rio Grande do Sul no século XIX dedicou, via de regra, exíguo material à brasileira, cuja imagem construída até os dias atuais vale-se, em grande medida, de relatos orais, notícias de jornal e do trabalho diletante de alguns poucos e empenhados jornalistas.

Diante de tais silêncios e informações por vezes díspares e contraditórias aos olhos do presente, este trabalho busca estudar o processo de construção da imagem de Anita Garibaldi por meio da análise de notícias de periódicos e biografias produzidas desde o Oitocentos.

Nas últimas décadas, diversos historiadores encarregaram-se de defender o estudo biográfico como um meio eficaz para a compreensão da psicologia histórica, da mentalidade ou até mesmo dos detalhes, que, em diferentes escalas, foram constitutivos de uma época. A título de exemplo, é possível mencionar como importantes para as discussões sobre as relações entre as trajetórias de vida e a compreensão de uma época estudiosos como: Lucien Febvre, Georges Duby, Giovanni Levi, François Dosse, Jacques Le Goff e Fernand Braudel. O presente estudo, valendo-se das reflexões desses autores busca mapear as construções produzidas nos

² Afirmação do escritor Gianni Carta, que conclui a participação de Anita Garibaldi apenas como guerrilheira, não tomando decisões entre os homens a frente na Revolução Farroupilha. Mesmo assim, o autor não desqualifica a bravura de Anita em nenhum momento de seu discurso.



últimos dois séculos a respeito de Anita Garibaldi, lançando mão de uma noção cara à escrita histórica: o fazer biográfico.

A partir das mudanças no ofício do historiador advindas da chamada “Nova História”, a biografia também recebeu novos traçado e visibilidade. Em lugar da narrativa linear dos eventos de uma vida, a escrita biográfica passou a propor questionamentos sobre as interações entre o indivíduo e sua época.

A partir das reflexões de Fernand Braudel, procurou-se ultrapassar o evento e o indivíduo com o objetivo de distinguirem-se as diferentes forças que contribuíram com a construção de uma história fortemente crítica ao papel dos heróis. Assim, uma analogia entre o tempo dos indivíduos e das civilizações deve ser preservada: crescimento, declínio, criação e morte, destino..., e a história dos indivíduos, para ele, de pífia capacidade explicativa, passava a dialogar com a história da média e da longa duração.

A partir de uma perspectiva que vê a escala na história de uma maneira um tanto diversa daquela professada por Braudel, Giovanni Levi assevera que a biografia tem sido utilizada por historiadores de forma ambígua, pois continua a ocupar o centro das preocupações desses estudiosos ao mesmo tempo em que é usada de forma a mostrar uma irredutibilidade dos indivíduos ao sistema social.

As biografias tendem a ser narrativas, assim como a história de alguma forma tende à literatura e, com isso, as biografias históricas buscam reconstituir, na visão de Levi, as superfícies sociais e suas pluralidades de esferas racionais sobre as quais o indivíduo age, e não operar de forma linear como ocorre nas narrativas temporalmente encadeadas que buscam descrever os eventos componentes da trajetória de vida de uma pessoa.

Desta forma, ao lado de biografias históricas inspiradoras como a que Lucien Febvre produziu sobre Matinho Lutero e Georges Duby Guilherme Marechal, ao nosso ver, as reflexões propostas por Giovanni Levi contribuíram com ferramentas metodológicas úteis para a compreensão, por exemplo, do heroísmo atribuído à Anita Garibaldi, assim como auxiliaram no trabalho de mapeamento e pesquisa direcionada nos textos, por nós analisados, que colaboraram com a construção da personagem, de forma a permitir uma percepção mais detida das diferenças entre a cultura e a mentalidade do homem e da mulher inseridos no século XIX e dos escritores que de Anita se ocuparam no século XX.

Como se vê, mesmo em estudos produzidos a partir de diferentes concepções teórico-metodológicas pudemos colher referências importantes para o estudo aqui empreendido. Em



particular, na obra São Luís: biografia, Jacques Le Goff nos apresenta um monarca santo que, na opinião do medievalista francês, é o personagem central da cristandade do século XIII.

Le Goff revela pontos a serem observados na construção de uma biografia extremamente relevantes, tais como o uso de um arsenal documental vasto, no caso de sua obra, que vai desde a oralidade até as hagiografias, propondo assim o que chamou de uma biografia total, a qual aspira mesmo a longa duração de Braudel e fia-se na crítica das fontes produzidas a partir de uma história problema.

Assim, retomar a escrita histórica acadêmica, ou seja, com rigor metodológico histórico, pela narrativa, que por si acaba por ser leve e lúdica, parece ser um caminho adequado, pois, desta forma, consegue-se evitar as biografias narcisistas, os folhetins de gosto duvidoso que começaram a alcançar, na visão do estudioso, grande patamar de popularidade.

François Dosse, crítico da chamada terceira geração dos Annales, também contribuiu para o conteúdo metodológico deste trabalho, em especial, com a obra “O desafio biográfico: escrever uma vida”, que proporciona um estudo do gênero biografias, segundo ele, redescoberto pelos historiadores a partir dos anos 80. O autor tenta resgatar uma visão histórica de biografias escritas ao longo do tempo (inclusive a biografia de tipo heróico), observando concepções na forma das escritas apresentadas.

Desta maneira, Dosse constrói uma divisão metodológica das biografias, a qual foi de grande valia para nortear o mapeamento das biografias produzidas sobre Anita. Na mesma direção de trabalhos não necessariamente convergentes em suas opções teórico-metodológicas, o livro Três vezes Zumbi: a construção de um herói brasileiro, de Jean Marcel Carvalho França e Ricardo Alexandre Ferreira, constituiu parte do arcabouço aqui usado para compreender a construção de Anita Garibaldi ao longo dos séculos XIX e XX, pois a obra sobre a construção do líder guerreiro de Palmares transporta o leitor por três séculos, analisando documentos de diferentes naturezas, o que nos ajudou a mapear também as construções da heroína de dois mundos.

Compõem o principal corpus documental investigado na pesquisa “As memórias de Garibaldi”, escritas por Alexandre Dumas, ainda no século XIX; a biografia de Anita produzida por Wolfgang Rau, intitulada “Anita Garibaldi, o perfil de uma heroína brasileira”, dos anos 70 do século XX; a obra de Paulo Markun “Anita Garibaldi, uma heroína brasileira”, lançada para as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil; e, como uma fonte complementar, a narrativa de Julio Sierra, “Guerrillera en America del Sur”, de 2003.



Tais biografias tiveram significativo impacto na construção da condição de heroína à qual passou-se, paulatinamente, a associar a imagem de Anita Garibaldi, muito, acredita-se, por tratarem-se de textos que enunciam como suas bases documentos históricos reconhecidos como importantes até mesmo pelos pesquisadores especializados.

Além das biografias, documentos como jornais do final do século XIX serão analisados com intuito de demonstrar o processo de construção da imagem heroica de Anita em momentos mais próximos de sua vida. Tal processo começa a ficar evidente, por exemplo, em uma declaração do Almirante Frederico Mariath³, quando menciona Anita em publicação no Jornal Mercantil do Rio de Janeiro, dando créditos à sua coragem e bravura, referindo-se, com detalhes, a um confronto ocorrido na cidade de Laguna por ocasião da Farroupilha. Portanto, serão obras analisadas neste estudo fontes de época e biografias históricas com o objetivo de mapear o longo e lento processo de edificação da imagem de Anita Garibaldi.

De posse do mapeamento de tais referências, lançamos mão de alguns questionamentos que nortearam a elaboração do presente estudo. Como Anita passou a exercer fascínio sobre um grande número de leitores? Por que, embora existam várias obras a respeito de Anita, sua vida privada permaneceu envolta em mistérios e polêmicas? Como e a partir de quando a imagem de Anita foi ligada à de uma heroína?

Ao analisar o processo de heroicização de Anita Garibaldi desde sua morte, em 1849, até o ano de 1999 a partir de biografias, jornais e dos estudos produzidos pela historiografia especializada, o primeiro capítulo inicia a análise com os diferentes relatos que, ainda no Oitocentos, foram produzidos sobre a vida e a morte de Anita.

A seguir, investigamos a autobiografia - na verdade, redigida por Alexandre Dumas - de Giuseppe Garibaldi, marido de Anita por dez anos, na qual algumas páginas foram dedicadas à edificação da zelosa esposa, as quais também são reputadas como o início do que aqui estamos nomeando como processo de heroicização de Anita.

2 A DESCOBERTA DE ANITA

Alexandre Dumas (1802-1870), o conhecido escritor francês que no século XIX escreveu “Os três mosqueteiros” e “O conde de Monte Cristo”, publicou, em 1860, as

³ Frederico Mariath, comandante militar em Santa Catarina, liderou a frota imperial na retomada de Laguna durante a Revolução Farroupilha, derrotando a Giuseppe Garibaldi.



“Memórias de Garibaldi”. Autor de romances e novelas, Dumas sempre foi conhecido por realizar pesquisas historicamente bem fundamentadas e abordar temas sociais a partir de um forte viés anticlerical e antimonarquista (NOGUEIRA, 2014).

Na obra que aqui nos interessa, produzida nos tempos em que Garibaldi militava nos conflitos que culminaram com a unificação italiana, consta ter Dumas, tanto quanto possível, se atido às palavras ditadas pelo próprio italiano. O livro acabou sendo a principal referência sobre Anita na época, uma vez que durante o Oitocentos a mulher passou despercebida pela pena dos historiadores após a sua morte e quando viva foi vista pela sociedade brasileira apenas como a companheira de Garibaldi, a esposa que acompanhou um aventureiro em uma revolução contra o Império do Brasil.

O marido a descreveu para Dumas como a deusa Palas, como a Anita intrépida, mãe exemplar e de grande sabedoria, relato que teria dado início à construção da imagem da Anita heroína. Com estas características, a memória sobre Anita e sua personalidade começava a ser moldada de forma mítica e grandiloquente.

Estas memórias discorrem sobre Anita como mais um elemento constitutivo da imagem do herói da Unificação Italiana. Ali ela assumiu o papel de esposa terna e dedicada, uma imagem que atravessaria o Atlântico na direção da América Sul e ajudaria na composição das primeiras visões sobre a brasileira no século XIX e no início do XX. A esposa Anita é referida inúmeras vezes em suas batalhas com imensa bravura.

Embora no período, como já afirmamos, a obra de Dumas tenha permanecido solitária nas referências à companheira de Garibaldi, restaram no Brasil alguns relatos esparsos sobre ela que permitem ao historiador investigar mais detidamente a imagem que se construiu de Anita no Oitocentos.

Na visão deixada por Garibaldi, companheiro de uma década, nascia a Anita heroína, mas e em outros registros do período? Jornais editados no século XIX são úteis na tentativa de responder tal questionamento, pois trazem descrições de personagens importantes que lutaram durante a Revolução Farroupilha e, dentre elas, referências sobre a coragem de Anita em batalhas.

Algumas edições de meados do XIX do Correio Mercantil narram as façanhas de Garibaldi (e claro, ao seu lado estava Anita) em batalhas em prol dos farrapos e da Unificação Italiana. Os periódicos do início do século XX são igualmente úteis, porque não representam um claro rompimento com a imagem de Anita construída na centúria anterior.



2.1 ÀS MEMÓRIAS DE GARIBALDI (1860)

Os primeiros documentos de que se tem notícias com referências ao nome de Anita Garibaldi tratam-se de folhas um tanto funestas. Poucos dias após a morte de Anita, em agosto de 1849, seu nome estava estampado em periódicos devido às circunstâncias em que seu cadáver foi encontrado nos pântanos de Ravena na Itália.

As primeiras páginas ocupadas foram as policiais. O delegado provincial da polícia de Ravena escreveu, entre referendos ao Comissário de Bolonha, atas bem detalhadas do suposto crime que acabava de identificar: a morte de Anita Garibaldi. De início, o delegado A. Lovatelli não soube informar a identidade do corpo, mas com alguma investigação nos arredores da primeira tumba de Anita e na fazenda onde faleceu, pôde nomear o cadáver como a “mulher que seguia Garibaldi”, em suas palavras, como se apresentará no relatório encaminhado ao monsenhor G. Bedini, comissário pontifício extraordinário de Bolonha:

Ravena, 12 de agosto de 1849.
Excelência Reverendíssima:

Sexta-feira passada, 10 do corrente, por algumas crianças que brincavam em certos pastos da propriedade Guiccioli, em Mandriole, na distância de cerca de uma milha do Porto de Primaro [...] foi achada aflorando da terra uma mão humana. Recebida a notícia, a Cúria se fez presente no lugar, onde foi observada a referida mão e parte do correspondente antebraço, que estavam danificados por animais e pela putrefação. Removida a areia, que ali era da altura de cerca de um metro, descobriu-se um cadáver de uma mulher da altura de cerca de um metro e dois terços, de aparente idade de trinta a trinta e cinco anos, um tanto incerta. Os cabelos, já destacados da cútis e espalhados na areia eram de coloração escura e talhados “a la puritana”.

Foi observado ter olhos protusos e metade da língua protusa entre os dentes, além da traqueia rota e um sinal circular no pescoço, sinais inequívocos de estrangulamento sofrido. Nenhuma outra lesão foi observada na periferia de seu corpo: foi observado faltarem-lhe dois dentes molares na mandíbula superior, do lado esquerdo, e outro dente molar na parte direita da mandíbula inferior.

Seccionado o cadáver, verificou-se achar-se a mulher grávida de um feto de cerca de seis meses. Estava vestida de camisa de cambraia branca, de sotana semelhante, de “bournus” igual, de cambraia, fundo furta-cor floreado em branco, descalça nas pernas e pés, sem nenhum ornamento na dita, no pescoço ou nas orelhas, se bem que furadas.

Os pés mostravam ser de pessoa de trato e não do campo, por não ter as plantas calosas. Dentro da aglomeração de pessoas acorridas a Mandriole [...] ninguém soube reconhecer o cadáver em decomposição, que no caso não apresenta a cor natural.

Não se pensou em transportar o cadáver a lugar mais populoso, para reconhecimento, por motivo de grande mau cheiro, razão porque foi enterrada logo, até mesmo para proteção da saúde pública.

Tudo isso conduz a crer fosse o cadáver da mulher que seguia Garibaldi, já pelas notícias que se tinha desde o seu desembarque naquelas paragens, já pelo estado de



gravidez. Até agora, é obscuro como tenha vindo essa mulher até este sítio, e como tenha sido vitimada. Estão em andamento as necessárias indagações e inquérito, cujos resultados me apressarei a submeter a V. Revma., na oportunidade.

Com perfeita estima e profundo respeito, tenho a honra de repetir-me

Devotadíssimo servidor

A. Lovatelli, delegado (RAU, 1975 *Apud* CURATALO, 1932, p.50-54)

Os estudiosos da trajetória de Anita não localizaram um relato mais detalhado de suas feições em documentos oficiais ou em relatos dos contemporâneos no século XIX. A única exceção foi a descrição feita pelo militar alemão Gustavo von Hoffstetter, um militar de alto escalão conhecido de Giuseppe Garibaldi, que descreveu Anita como aparente amazona, de primeiro olhar, como uma mulher de atributos físicos fortes e ao mesmo tempo delicados, tendo uma tez escura, olhos ardentes e másculo peito. Se apresentava com um semblante melancólico, mas tinha uma personalidade simples e vivaz (MARKUN, Paulo apud BELLUZI, 199, p. 24).

Assim, a descrição do cadáver, nas condições mencionadas, passou a funcionar como uma espécie de ponto de partida para a imaginação de um semblante da personagem. Até os primeiros trinta anos do século XX foi esta imagem, apresentada pelo delegado Lovatelli, a principal referência sobre Anita, quando o filho do casal, Ricciotti Garibaldi, reconhece num retrato da mãe, pintado no Uruguai, como o verdadeiro rosto da mulher que lhe deu a vida, ainda que, quando da morte de Anita, o caçula tivesse apenas três anos de idade. Essa pintura se encontra no Museu do Risorgimento em Milão, com a assinatura e dizeres de validação da imagem feitas por Ricciotti (MARKUN, 199, p. 25).

Nenhuma imagem de Anita, desta forma, ficou mais conhecida no século XIX do que aquela produzida pelo delegado Lovatelli. Em pouco tempo, a mulher de Garibaldi esteve entre os assuntos mais anunciados no mês de agosto de 1849 na ainda não unificada Itália. Isso devido ao que foi concluído de início na investigação do corpo de mulher encontrado na areia. A notícia era de que a vítima fora assassinada e Garibaldi o mentor do crime. Com isso, notificações para a captura de Garibaldi e seus companheiros foram disseminadas por todo o território. No folheto, todo o ocorrido desde o achado no pântano em Ravena até a periculosidade de Garibaldi estavam detalhadamente descritos (MARKUN, 1999, p. 18).

Após a necropsia, o corpo foi encaminhado para o enterro em um túmulo no cemitério de uma pequena igreja. Dez anos mais tarde, em 1859, o cadáver fora subtraído da sepultura por homens que apoiavam Garibaldi em sua política libertária. Diziam eles que, com os movimentos revolucionários que emergiam, era preciso guardar os restos mortais de Anita em



sítio seguro, uma vez que temiam haver uma profanação da memória da mulher de Garibaldi (*Idem*, p. 18).

O fato citado torna-se relevante quando pensado no ambiente italiano às vésperas do retorno de Garibaldi do exílio, considerando que o general tencionava retomar as batalhas pela revolução que teve que adiar por dez anos, quando saiu da península em fuga após a morte da esposa.

O nome de Anita ainda era lembrado pelos libertários que outrora empunhavam espadas na revolução, mesmo estando seus restos mortais quase escondidos em uma tumba singela de uma pequena igreja.

Quando Giuseppe Garibaldi foi reaver os restos mortais de sua esposa, em um cortejo por ele encabeçado, erguendo a urna funerária, ao longo do caminho que seguiu em direção ao Palácio do Governo, não eram apenas ossos de sua mulher que mostrava a todos, mas a imagem de Anita afirmada, que começava a ser vista e mencionada como heroína na Itália, algo que demoraria um pouco em sua terra natal (*Ibidem*, p. 352).

No jornal “Correio Mercantil” do Rio de Janeiro, de 29/11 e 02/12 de 1860, o almirante Frederico Mariath, responsável pela retomada de Laguna pelos imperiais em 1839, descreve a bravura de seus antagonistas, após ter lido o “folhetim” de Alexandre Dumas quando o mesmo jornal publicou as “Memórias de Garibaldi”:

Garibaldi, seja dito em abono da verdade, desenvolveu nessa ocasião uma coragem digna de inveja. Não devo deixar despercebido o projeto que, Garibaldi diz, formara, de ir ele incendiar a esquadra imperial e isso quando já estava derrotado. Foi muito feliz em não obter para isso concessão de seu general. Se tal coisa empreendesse, talvez não lhe restasse tempo de escapar- se em um pequeno bote com sua heroína (*Ibidem*, p. 159).

O almirante Mariath se tornou uma testemunha ocular importante, pois, presenciou Anita em ação, podendo avaliar seus atos de bravura e conotar a mulher de Garibaldi, como não poderia deixar de ser, mais uma vez no século XIX, como heroína.

Frederico Mariath achou que as “Memórias de Garibaldi” mereciam retificações no que tangia ao seu sucesso na batalha da retomada de Laguna, alegando que, por esquecimento do próprio adversário na época, algumas afirmações não procediam. Ao final, as tais retificações não passavam de meros números das embarcações em combate de ambos os lados. Ainda assim, manteve-se bastante equilibrado em sua declaração no artigo, o mais notável foi a honestidade



que dispensou ao casal Garibaldi, referindo-se ao que chamou de “bravura antagônica” (RAU, 1975, p. 156-157).

Para Wolfgang Rau (1975, p. 157), principal biógrafo de Anita, escreveu, as frases do almirante para o jornal soaram sarcásticas e mesquinhas. Mesmo partindo das impressões de Rau, o fato é que um importante indivíduo presente em um momento histórico ofereceu seu testemunho em um jornal de grande circulação, enfatizando a palavra heroína para adjetivar uma mulher no século XIX⁴. Fosse sarcasmo ou não, estava lançado o pensamento.

Após 20 anos do término da Revolução Farroupilha, o Coronel Antônio de Melo Albuquerque, conhecido como o Melo Manso, enviou uma correspondência ao amigo marechal Leite de Castro, na qual mencionava Anita e sua prisão pelo mesmo coronel em Curitiba. Esta carta é transcrita pela pesquisadora Yvonne Capuano em palestra proferida no “Seminário Internacional 170 anos da Revolução Farroupilha” em 16 de setembro de 2005:

Quando o combate tornou-se mais renhido, via-se que era Anita quem mais animava os soldados do seu marido a serem valentes. Os meus oficiais, especialmente os que estavam na retaguarda, me referiram que era a combatente com a espada em punho e com seus lindos cabelos flutuantes que mais se expunha às nossas balas; que mais trabalhava pela vitória de seu marido, tendo por vezes posto em dúvida a sorte de minhas forças... Ainda agora, apesar da passagem de vinte anos, quando me recordo pasmoso heroísmo, dos seus cruéis sofrimentos, das suas angústias, sinto ensoberbecer-me, por haver sido Anita minha gloriosa prisioneira, o mais honroso título da minha longa vida e o principal enfeite da minha fé de ofício (CAPUANO, 2007, p. 172-173).

Nada há de espantoso no relato, uma vez que no Brasil, desde o período colonial, era comum ler relatos de inimigos valorosos produzidos por seus adversários. Quanto maior o inimigo, mais importante a vitória. Tal foi o caso, por exemplo, de algumas narrativas feitas a respeito do Quilombo de Palmares e de Zumbi tanto por seus inimigos vindos da Holanda quanto de portugueses e brasileiros que se lançaram contra o refúgio negro da Serra da Barriga⁵.

Analisando o Jornal “Correio Mercantil” de 1860 que expôs diariamente capítulos do novo livro de Alexandre Dumas intitulado “Memórias de Garibaldi”, denota-se que de imediato chamou muita atenção, principalmente dos militares que lutaram frente a frente com a figura italiana, alguns anos antes, como se percebeu a partir da narrativa do almirante Frederico

⁴ Informações teórico-históricas sobre a mulher no século XIX serão explicadas brevemente mais adiante

⁵ Cf.: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho & FERREIRA, Ricardo Alexandre. Três vezes Zumbi: a construção de um herói brasileiro. São Paulo: Três Estrelas, 2012.



Mariath que se sentiu no dever de corrigir levianos fatos numéricos nas memórias falhas de Garibaldi.

A autobiografia de Garibaldi molda o estereótipo de uma heroína - como aqui já mencionado - de uma deusa de Palas em pleno XIX, fazendo com que a imagem de Anita continuasse viva apesar de sua morte, algo que o general Garibaldi procurou manter durante toda sua vida. Garibaldi desenvolve os eventos de lutas, combates, entre outros, de forma intimista, com detalhes que inserem o leitor na batalha, mas quando menciona Anita em seus relatos, não poupa elogios e palavras de orgulho e admiração. A comparação com a deusa Palas (Garibaldi se refere acima ao batismo de fogo de Anita, o qual Paulo Markun conta em sua obra com maior riqueza de detalhes, e que será utilizado o excerto para se denotar a comparação com a Deusa de Palas), um dos nomes de Atena, não era fortuita, pois tratava-se da protetora grega da guerra.

Ao passo que eu realizava meu trabalho de destruição, Anita efetuava a sua obra de salvamento. Mas de que modo, bom Deus! De maneira a fazer-me estremecer! Na missão de transportar as armas até a orla e no seu retorno à embarcação, ela talvez tenha realizado vinte vezes o trajeto...Ela, porém, de pé sobre a popa, no cruzamento dos tiros, surgia ereta, calma e altaneira como uma estátua de Palas, recoberta pela sombra da mão que Deus naquelas horas pousava sobre mim (DUMAS, 2009, p. 99).

Giuseppe Garibaldi fala de Anita em suas memórias com tanto fervor quanto o próprio Wolfgang Rau, mas com relatos, em certos momentos, de culpabilidade pelo desfecho infortúnio de sua esposa. Em suas páginas, Garibaldi se preocupa em contar o quanto Anita era intrépida, e narra seu primeiro encontro com sua companheira de uma década de maneira cinematográfica:

Dada a ordem de desembarque, tomei o caminho da casa sobre a qual havia já algum tempo fixara-se toda a minha atenção. O meu coração disparava, mas também encerrava malgrado a sua comoção, uma dessas resoluções que jamais esmorecem. Um homem convidou-me a entrar. Virgem criatura, tu serás minha!, foi o que disse ao ter a jovem diante de mim. E com tais palavras eu forjava uma aliança que somente a morte haveria de romper. Eu encontrara um tesouro interdito... (DUMAS, 2009, p. 91).

Além das menções avulsas discorrendo sobre suas memórias, Garibaldi dedica um capítulo completo à sua esposa. Neste capítulo, já em momentos derradeiros no Rio Grande do Sul, o corsário⁶ nos conta sobre o nascimento de seu primeiro filho com Anita. A partir do

⁶ Garibaldi recebe sua carta de curso de Bento Gonçalves, antes de fazer parte da Revolução Farroupilha.



evento, Garibaldi glorifica a mãe deste filho demonstrando quantas privações e perigos essa mulher enfrentou corajosamente e, ainda assim, cumpriu seu papel de mulher honrosa ao companheiro. Mulher e mãe, mas também um soldado intrépido, segundo o marido (DUMAS, 2009).

Garibaldi, em alguns momentos, engrandece a companheira a patamares muito maiores que aqueles utilizados para descreve-lo, como quando narra a segunda fuga da mulher, com o filho recém-nascido nos braços. Neste momento, o local onde guardavam estadia foi atacado por uma tropa imperial comandada pelo General Moringue.

Sublime em sua coragem em face do perigo, ela ainda se engrandecia (fosse isso possível!) diante da adversidade. Assim, frente a frente com aquele estado-maior assombrado com a sua bravura- mas que não tivera o escrúpulo de dissimular à vista de uma mulher a sua empáfia de vitoriosos -, ela repeliu com uma áspera e orgulhosa altivez alguns termos que pareciam-lhe exalar o desprezo pelos republicanos vencidos. Anita combateu tão energicamente com as palavras quanto o fizera com as armas (DUMAS, 2009, p. 118-124).

A segunda fuga de Anita é descrita pelos seus principais biógrafos como algo impressionante, tornando-se um evento tão magistral e ao mesmo tempo emblemático que o monumento/sepulcro erguido para homenagear e servir de última morada para os restos mortais de Anita representa esta imagem: a heroína montada em um cavalo em pelo segurando o filho nos braços.

Anita, no seu décimo segundo dia posterior ao seu parto, sob uma inclemente tempestade, montada em seu cavalo, andrajosa, com o seu pobre filho de través sobre a sela, vira-se forçada a buscar refúgio na mata. No rancho, então, não encontrei nem Anita nem a boa gente que lhe dera albergue. Localizei-os, porém, na orela de um capão, onde andava o inimigo e se tinham ainda alguma coisa a temer (DUMAS, 2000, p. 124).

Alexandre Dumas na versão ditada por Garibaldi deste episódio menciona Anita como heroína:

Ela aproxima-se do local principal de combate quando cerca de vinte cavaleiros inimigos, passaram a atacar os nossos soldados encarregados do transporte. Excelente amazona e montada num admirável ginete, Anita poderia ter disparado e escapado àqueles cavalarianos; porém, o seu peito de mulher encerrava um coração de heroína (DUMAS, 2000, p. 120).

Descrevendo a providencial presença de Anita em momentos importantes nas batalhas, Garibaldi denota os pensamentos subjugados por seu comportamento durante as lutas,



mostrando ser uma verdadeira heroína capaz de estar a seu lado e ainda se firmar como mulher desejada e dedicada.

Submetendo-se a contragosto ao papel de simples espectadora do combate, e temendo que viesse a faltar cartuchos aos soldados, ela provia o abastecimento das nossas munições. O fogo que éramos obrigados a fazer permitia de fato supor que, se estas não fossem repostas, em pouco tempo achariam-se esgotadas (DUMAS, 2000, p. 119-120).

Apenas de início, Garibaldi menciona sua companheira como mãe, tendo esse gesto com o intuito de engrandecer Anita, que ainda combatendo, como um soldado, de forma grandiosa, consegue lhe proporcionar uma grande alegria de um filho. No decorrer do capítulo, ele descreve batalhas árduas com os soldados imperiais e coloca Anita em luta, mas sempre sublinhando os seus feitos. São os primeiros relatos para a História das ações da companheira no século, conotando o posto de heroína.

(...) Excelente amazona e montada em um admirável ginete, Anita poderia ter disparado e escapado àqueles cavalarianos; porém, o seu peito de mulher encerrava um coração de heroína. Em lugar de fugir, ela tratou de exortar os nossos soldados a defenderem-se achando-se de súbito rodeada pelos imperiais (...). Ela cravou as esporas no ventre de seu cavalo e, arrojando-se vigorosamente, avançou por entre os inimigos, não recebendo senão uma bala, que transpassou o seu chapéu, alteando-lhe os cabelos, mas sem roçar-lhe o crânio (DUMAS, 2000, p. 120).

Observando a descrição acima, imagina-se uma cena saída de um filme épico, com intuito de entreter e aguçar a imaginação, ou como Garibaldi sem dúvidas intencionava quando procurou Alexandre Dumas, o reconhecimento como herói, considerando que sua esposa não poderia ser apartada desta intenção.

Não há registros sobre Anita na documentação farroupilha conhecida, sendo as memórias de Garibaldi a primeira fonte a mencioná-la como heroína. As biografias de Anita se tornam melhor documentadas quando da sua união com Garibaldi, sendo encontrados registros de casamento, batismos, relatos orais e claro, as memórias.⁷ Entretanto, a imagem de Anita tem uma mácula que ainda perdura.

2.1.1 Anita na História

⁷ Ver: SOUTO, Cíntia Vieira. “Anita Garibaldi, heroína, mas virtuosa”. História, gênero e trajetórias biográficas, ST. 42. Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Disponível: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf >



A partir do século XX, a elaboração da imagem de Anita abandona o terreno do registro policial e da construção da imagem do marido e companheiro de batalhas para assumir um caráter mais individualizado na pena de pesquisadores que passaram a se interessar pela trajetória da, então, já controversa personagem. Principalmente no início do período, a tônica das investigações é marcada por uma certa valorização de princípios republicanos muito ligados à promoção do sentimento nacional. Compreender como a imagem construída no Oitocentos é modificada a partir da virada do século constitui o objetivo principal do capítulo.

Para tanto, são analisadas biografias e outros documentos que auxiliam na compreensão do processo de transformação da imagem de Anita em obras que se sucederam ao longo de décadas, algumas, norteadas por diferentes contextos políticos e sociais atravessados pelo país. As biografias aqui tomadas como fontes principais foram selecionadas de acordo com critérios que variam da possibilidade de acesso aos textos originais até a presença e a importância que assumiram como fontes de dados para os estudos que a elas se seguiram ao longo do século, empreendidos por historiadores de profissão, jornalistas e outros interessados em Anita Garibaldi e na Revolução Farroupilha.

Com o advento da Proclamação da República, a Revolução Farroupilha, vista como uma efeméride, foi reconsiderada pela então nova política brasileira como um evento cuja rememoração era bastante conveniente aos projetos intentados pelos grupos políticos que assumiram o poder no país.

Os movimentos republicanos, sobretudo aqueles que se desenvolveram a partir do fim do Segundo Reinado, se direcionaram para uma propaganda nacionalista, visando a promoção e o estabelecimento do regime, diante de um povo tido como dotado de pouco sentimento de pertença ao país e mesmo visto pelas elites como desprovido de identidade nacional.

Os conceitos de nação, nacionalismo e, conseqüentemente, de identidade nacional, foram se construindo na Europa com maior efervescência no século XIX. O historiador Eric Hobsbawm configura nacionalismo como algo fundamental para a sustentação de uma unidade política nacional. Para ele, a nação não vem antes do Estado e do nacionalismo, e sim, o corpo de Estado, e o nacionalismo para a sustentar a unidade ou o corpo é que geram a nação e não o oposto

Seguindo a proposta do Estado, o Partido Republicano Rio-Grandense, que se apresentava como seguidor dos ideais farroupilhas, traz à luz a Revolução Farroupilha que agora se integra aos planos republicanos. Nas décadas finais do XIX, jornais republicanos como



“A Federação” ou mesmo livros como “A História da República Rio-grandense” (1881) de Joaquim Francisco de Assis Brasil, apresentam os primeiros estudos sobre a revolução.

No dia 20 de agosto de 1912, o jornal “A Federação” apresenta em primeira página os 4 atos de uma ópera intitulada “Annita Garibaldi” composta pelo maestro Francisco Braga. O periódico oferece ao leitor além de um breve resumo dos atos musicais uma biografia sobre Anita, onde se deixa claro ser uma cópia do que havia sido publicado em outro jornal, “O Correio da manhã”. O jornal deixa explícito que os brasileiros não dão o devido valor a heroína, assim como a Itália já o faz, e esperam que esta publicação possa elucidar seu valor:

Foram os episódios desse drama militar em grande parte ocorrido no Brasil, e os lances da tragédia amorosa cujo epílogo teve lugar em Ravenna, junto a uma floresta de pinheiros, que Osorio Duque Estrada fixou em um libreto de uma opera a que acabou de dar vida a inspiração musical do nosso glorioso maestro Francisco Braga. Ao passo que no Brazil nada se fez ainda para testemunhar a gratidão nacional à sua heroína, já em Ravenna em Nice dois monumentos foram levantados à memória de Annita Garibaldi (A FEDERAÇÃO, 1912, s/p).

Neste mesmo período, a imigração italiana se acentuava no Rio Grande do Sul, com claras intenções do Estado positivista de “branquear” a população brasileira. Após a abolição da escravatura, em 1888, e com o fim da monarquia no ano seguinte, essa imigração se torna cada vez maior, o que resultava em uma maior influência econômica e política dos imigrantes italianos na região (SOUTO, 2007). Diante de tal situação, o governo precisava estabelecer um elo com os imigrantes italianos.

Giuseppe Garibaldi passou a condição de coadjuvante da Revolução Farroupilha a herói. Agora, como instrumento de propaganda política, o processo de edificação do mito do italiano fica evidente. Tanto que o jornal republicano do município de Caxias do Sul publica uma imagem na qual Garibaldi figura ao lado de Bento Gonçalves, ambos segurando uma coroa de flores com os dizeres “A união faz a força”. Logo abaixo da foto, estava a figura do então governador Borges de Medeiros, com intenção nítida de propaganda política (CONSTANTINO, 1984).

De fato, Garibaldi não somente é lembrado como herói da Revolução Farroupilha, mas também do mundo. A propaganda política do governo brasileiro perante Garibaldi foi efetiva, se estendendo até meados da Segunda Guerra Mundial.

Em 1898, Borges de Medeiros assume o governo do Rio Grande do Sul e deixa clara as intenções de reativar a imigração italiana, desenvolvendo economicamente a região colonial,



ordenando a abertura de estradas e a construção de escolas, favorecendo a ocupação de novas terras pelos italianos. Em 1900, a colônia mais antiga, Conde d'Eu é emancipada e passa a ser o município de Garibaldi (*Idem*, 1984).

No ano de 1883, fora aberto o trecho inicial da rua Garibaldi, na cidade de Porto Alegre, e em 1907, no centenário de nascimento do herói, a Praça da Concórdia recebe o nome do general, além de um monumento erguido com fundos de uma campanha gremista liderada por expoentes italianos. Garibaldi naquele momento é o revolucionário farroupilha, e Anita já vem aparecendo na sua companhia, como mãe corajosa e mulher guerreira (*Ibidem*, 1984).

Para se comemorar o cinquentenário de colonização no Rio Grande do Sul, é lançado, em 1925, um álbum que recebeu financiamento do Governo italiano e foi publicado pela Editora Globo, cujo proprietário era o italiano Bertaso. O álbum apresenta, logo nas primeiras páginas, mensagens de Benito Mussolini, então ministro do Exterior do Reino d'Itália, o qual desenvolvia uma intensa ação diplomática com governos externos, principalmente o Brasil, buscando associar e atrair imigrantes que ascendiam socialmente (*Idem*, 1984).

Mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, a historiografia de Garibaldi continua tendo grande importância no Rio Grande do Sul, especialmente. A declaração de guerra ao Eixo em 1942 não estremece a relação com os italianos no país e, ao final de 1946, estava assinada a Declaração de Amizade e Cooperação entre Brasil e Itália, considerando, então, a guerra um acidente de percurso (*Ibidem*, 1984).

Elíbio Júnior expõe o processo de construção de Anita Garibaldi também na década de 1940, e demonstra como a personagem ganha força nos discursos interativos entre Brasil e Itália na região sul do país, recordando uma “época gloriosa em que italianos, gaúchos e lagunenses lutaram pelo ideal de liberdade, igualdade e justiça” (ELÍBIO JÚNIOR, 2000, p. 98).

No jornal Correio do Sul de 1940, durante a II Guerra Mundial e antes do Brasil fazer parte da mesma, acaba por destacar:

Guardadas as naturais reservas impostas ao Brasil pela honesta e patriótica política de neutralidade, assegurada sem tergiversações pelo Chefe da Nação os nossos círculos de pensamento não escondem a simpatia com que focalizam o redentor papel das aguerridas legiões fascistas, na frente – guerra para banir em retirada a nefasta influência britânica nos destinos balcânicos.

Duas grandes raças, sem dúvida a brasileira e a italiana, como elementos altamente representativos da inteligência latina, se identificaram secularmente nos mesmos anseios e nas idênticas e legítimas reivindicações.

Se abriremos as páginas cheias de luz da nossa História, aí encontraremos a bravura italiana, do lado da leonina bravura dos brasileiros, nas lutas farroupilhas pela nossa libertação, admirável ciclo na nossa formação de onde se elevou a dominadora figura



de Anita Garibaldi a bela brasileira de Santa Catarina, nascida às margens rústicas e azuladas do velho cantante Tubarão, eternizada na gratidão emotiva da gente itálica, em um monumento que em Roma se ergueu da serena grandeza do Palatino.

O fascismo é o superior sentido da unidade e de coesão!!! Ave, Itália!!! (ELÍBIO JÚNIOR, 2000, p. 28-29).

Em título com letras garrafais: Uma heroína injustiçada –um pouco da História de Anita Garibaldi, a destemida guerreira dos dois mundos...de como se deturpam fatos históricos escritos para estudantes, o jornal “O Correio da Manhã”, em 06 de maio de 1941, se indigna com o descaso e a falta de veracidade na história de Anita.

Para tanto, a publicação dedica um espaço de meia página para recontar a sua biografia de quando a heroína ainda permanecia no sul do país, e para alertar aos professores sobre o que ensinam às crianças brasileiras, devendo refutar toda “monstruosidade” acerca do nome da heroína mártir.

Ainda nas primeiras décadas do século XX, as abordagens acerca do casal Garibaldi se tornam recorrentes, e toda a trajetória do italiano diante de uma Revolução perdida e com ideais que já não eram mais os próprios, é descrita com entusiasmo pelos membros do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Dante de Laytano, que sendo filho de italianos e membro do instituto, enaltece o idealismo Garibaldino, destacando a travessia dos lanchões por terra feita pelo então capitão Garibaldi (ELÍBIO JÚNIOR, 2000).

A biografia de Boiteux, intitulada “Annita Garibaldi”, se torna importante por ser a primeira a documentar algo que tenha acontecido na vida de Anita antes de Garibaldi. Pelos motivos já expostos, ela não estava muito longe do segundo marido. Como afirmou a historiadora Cíntia Vieira Souto, a república foi importante para a disseminação da imagem de Anita, seja esta de heroína ou não, mas não teve o mesmo papel dos italianos no Brasil, que seguramente disseminaram a imagem de heroína ao lado de Garibaldi (SOUTO, 2006). Mesmo que esta obra seja de difícil acesso atualmente, “Annita Garibaldi” marca a trajetória do comandante Boiteux como membro-sócio eleito em 1944 no IHGB. De sua lavra, na instituição, também foram produzidos, dentre outros títulos, biografias do Almirante Barroso e do Marquês de Tamandaré, mas foi sobre Anita sua biografia mais inusitada.⁸

Os biógrafos que se debruçaram sobre a vida de Anita Garibaldi, no período que se estendeu entre o final do século XIX até as primeiras décadas do XX, não ultrapassam as barreiras do desejado pela República: uma Anita virtuosa, esposa devotada, que “fez do seu

⁸ Ver: IHGB. <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/HBoiteux.html>. Acesso em 15/03/2018.



coração a sua espada de combate”, como assim disse Ignez Sabino no começo da instauração da República em sua biografia, já mencionada no primeiro capítulo deste estudo (ELÍBIO JÚNIOR, 200, p. 151-152).

O abandono de Anita foi contado pelos historiadores da época a partir do relato de Garibaldi em suas memórias, escrita por Alexandre Dumas. Ele avistou a mulher na praia de dentro de seu barco e foi à terra para procura-la a encontrando na casa de um conhecido. Em suas memórias, é visível o quanto se sente culpado em assumir seu romance com uma mulher casada, outras biografias, na mesma direção, se esforçaram em continuar romanceando o encontro (SOUTO, 2006).

Ficamos os dois estáticos e silenciosos, olhando-nos reciprocamente como duas pessoas que não estão se vendo pela primeira vez, que identificaram na fisionomia do outro qualquer coisa que desperta uma reminiscência.
Saudei-a finalmente e lhe disse: “Tu devi ser mia”...Tinha encontrado um tesouro proibido, mas um tesouro de grande valor!!! Se houve culpa, foi inteiramente minha. E...houve culpa sim! Sim! Se uniam dois corações com amor intenso e se destruí a existência de um inocente! Ela está morta, eu infeliz, e ele, vingado. Sim, vingado!
(DUMAS, 2000, p. 54-55).

Cíntia Vieira Souto também alerta para o fato de que os relatos orais eram pouco confiáveis, tendo em vista ser pouco provável alguém que conviveu com o casal Garibaldi no Oitocentos ainda estivesse vivo em meados da década de 30 do século XX. O problema é que o relato oral constituía o conjunto de fontes mais recorrentemente descrito nas biografias até o momento, além, é claro, de constituírem discursos apazíveis ao governo (SOUTO, 2006).

Dentre os autores que revelam ter Anita sido casada antes de conhecer Garibaldi estão o próprio Henrique Boiteux e Valentim Valente, autor de “Anita Garibaldi: heroína por amor” (1949), mas que advogam em sua causa, defendendo que o tal “inocente”, o primeiro marido de Anita, teria desaparecido sem aviso prévio (*Idem*, 2006).

Lindolfo Collor, em “Garibaldi e a guerra dos farrapos”, de 1938, defende que a mulher foi abandonada quando Manuel Duarte (o marido) decidiu seguir o exército imperial e lutar contra os farroupilhas. Entretanto, Gerson Brasil em “Garibaldi e Anita: guerreiros do liberalismo”, de 1971, defende que o marido havia falecido, sem dar muitas explicações de como aconteceu o fato (*Ibidem*, 2006).

A partir destas versões acumuladas ao longo das primeiras décadas do século XX, as biografias de Wolfgang Rau (1975) e de Walter Zumblick (1980) descrevem a mesma versão



de Lindolfo Collor, mas é Rau quem coloca Manuel Duarte como marido desidiioso, abandonando Anita à própria sorte (*Ibidem*, 2006).

Entre tantas biografias, sem nenhum consenso e com muitas fontes tidas como pouco confiáveis, acredita-se que, de um modo ou de outro, as construções de Anita, até meados do século XX, teriam um único propósito: o de desenvolver o projeto de nação ao qual o governo se propunha, usando da imagem de Anita, construindo-a a partir dos moldes de amor à pátria e heroísmo, valores que ajudariam a propagar a ideia de identidade nacional entendida como a mais correta para o período.

Walter Zumblick difere das obras mencionadas por retratar Anita Garibaldi por meio de ilustrações advindas do próprio irmão, Willy Zumblick, ambos catarinenses. O trabalho dos irmãos se inicia em meados dos anos 50 do século XX, mas a primeira publicação data de 1980, com patrocínio da Prefeitura da cidade de Tubarão (MACHADO, 2012). A obra dos irmãos torna-se importante como fonte por colocar de maneira mais palpável os atos heroicos de Anita, por ela mesma, ou seja, sem a presença irrefutável do marido Garibaldi. Mesmo que o livro tenha sido idealizado por iniciativa dos irmãos, o interesse político foi evidente. Entretanto, as ilustrações não se preocupam em defender ou esconder algum fato “vergonhoso” da vida de Anita, mas simplesmente, exaltar os seus feitos.

Walter Carlos Zumblick e Willy Alfredo Zumblick nasceram na cidade de Tubarão em 1908 e 1913 respectivamente. Walter, também exercia o ofício de historiador dentre várias outras atividades. Além das ilustrações com a parceira de seu irmão Willy que era artista plástico, também escreveu uma biografia com a mesma personagem, de nome “Aninha do Bentão” (1980), que traça o perfil sentimental e épico de Anita (*Idem*, 2012). Tanto a biografia quanto as ilustrações demonstram a catarinense heroicamente, até mesmo de forma individual, nem sempre acompanhada do marido Garibaldi, contendo muitos parâmetros históricos, e sem temer alguma indisposição por isso.

Walter Zumblick apesar de historiador, não identifica nos livros as fontes em que se baseia para descrever a história de Anita e também a do estado de Santa Catarina. Ele pretende fornecer um manual para jovens estudantes que contasse a vida de uma conterrânea com feitos tão valorosos, sendo ela um exemplo de mulher, de mãe e de cidadã (*Ibidem*, 2012). O autor deixa brechas de seu amadorismo como historiador, pois, não apresenta suportes metodológicos históricos, transformando sua obra em romance, quase ficção. Entretanto, é uma obra com um marco e com uma intenção, o que torna importante para a composição do presente estudo,



podendo também ser aberto o debate sobre a distinção entre narrativa histórica e narrativa literária. “É a partir da década de 1980, e, portanto, logo após a publicação de seu romance, que os debates sobre essa distinção começam a aparecer” (Ibidem, 2012, p. 57).

Quanto a Willy Zumblick, é ainda mais difícil saber onde ele se baseou para pintar os seus quadros sobre Anita, imaginando que a inspiração partisse do próprio livro *Aninha do Bentão*.

Em *Aninha do Bentão*, Walter traça duas representações diferentes para Anita Garibaldi. A primeira, antes de conhecer Garibaldi, a menina-moça Ana Maria de Jesus Ribeiro ou *Aninha do Bentão* como era conhecida em Laguna; e a segunda, sedenta por um amor verdadeiro e sem medo de buscar a felicidade, a mulher-soldado que se veste com roupas masculinas e ousada a ponto de pegar em armas para ficar ao lado de seu grande amor (Ibidem, 2012, p. 58).

Nas ilustrações de Willy a partir do momento em que se junta a Garibaldi, Anita é retratada como a mulher-soldado, enfermeira (que colaborou como tal enquanto esteve no Uruguai), mãe devota, amante incondicional de seu amado, realmente sendo tudo isso (MACHADO, 2012).

Sobre as representações de Anita feitas pelos artistas em geral, Walter diz que:

Mentiram artisticamente quantos – quase uma dezena – tentaram fixar na tela ou no bronze as feições de Ana Maria de Jesus Ribeiro. (...) Os retratos e os monumentos de Ana Maria, carentes quase todos eles de um original, caminharam pela estrada da dedução que parecia lógica. (...) Mulher-soldado ou mulher-marinheira metida com assombro, nos perigos dos entreveros sanguinolentos, teria, por certo, uma feição que seria aquela que o heroísmo inspirou. (...). Nela, mais que o figurino do guerreiro respingado de sangue, sobrou a mulher meiga que lutou, isso sim, por um outro ideal que foi o seu amor. (...). Num ponto, entretanto, acertaram retratistas e escultores. Todos eles fixaram aquele ar de tristeza que foi companhia durante toda a sua vida (ZUMBlick, 2012, p. 59).

Com a narrativa dos irmãos Zumblick, é possível perceber a imagem que se pretendeu transmitir aos moradores do sul do país, principalmente, é possível perceber como elemento de interesse a heroicidade de Anita. Walter afirma sobre o que foi retratado seria “a rigor, mais que uma guerreira, estava no comportamento de Ana Maria de Jesus, isso sim, aquela ternura da amante ofuscada pelo clarão que inundava a bela estampa do homem que morava em Garibaldi” (Idem, p. 36). A personagem não foi apenas composta de maneira heroica. Toda a sua vida ganha ares de romance épico, que articula a noção, um tanto clichê, de “amor e guerra”, tornando o casal mais agradável para os leitores, sendo estes cativados pelo orgulho patriótico e pelo enredo novelístico.



A guerra “foi um cenário ocasional na vida da nossa heroína. (...) Ana de Jesus lutou por amor e nunca pelo ódio”. (...) Ana Maria de Jesus Ribeiro, que não temia morrer lutando, tinha pavor do linguajar e das falas em surdina dos moradores da rua do Rincão (*Ibidem*, p. 43).

De acordo com os irmãos, escritores e biógrafos, de uma forma geral, que os antecederam, tentaram obscurecer e diluir os feitos de coragem de Anita, considerando o que já foi mencionado sobre a mácula em sua vida, ou seja, ter sido casada antes de conhecer e conviver com Garibaldi. Zumblick explica que já é o momento de restituir as honras que lhe faltaram como mulher vigorosa que lutou como um soldado seguindo o amor por um homem igualmente valoroso, até sua morte na Itália (*Ibidem*, p. 46).

Buscando demonstrar Anita como heroína e mulher dedicada, nas ilustrações de Willy Zumblick ela aparece como a mulher-soldado, vestida com roupas masculinas e empunhando armas. Na próxima página está a amante obstinada à procura de seu amor ou a mulher carinhosa cuidando dos feridos em guerra ou dos filhos. Ainda no mesmo livro pode se ler: “Quando grávida pela primeira vez, Anita “desafivelou do cinto a sua espada de tantos combates. O soldado tornara a ser mulher. Um tanto afastada das correrias, dos entreveros, remendava ela velhos trapos com os quais tentaria agasalhar o filho que iria nascer” (*Ibidem*, 2012, p. 51).

Walter Zumblick defendia a catarinense na mancha mais obscura em sua vida, quando diz que ela, cansada de viver amasiada com Garibaldi, o que aos olhos da sociedade era algo inconcebível para uma heroína brasileira, tão logo se casa ao chegar no Uruguai: “Dentre as modestas aspirações sempre em pauta, mas, poucas vezes atendidas, a realização do seu casamento foi, sem dúvida, o ponto máximo no rosário dos desejos tão justos de Anita” (*Ibidem*, p. 67-68).

Entre gravuras de crayon e pinturas a óleo, estão descritos em ordem cronológica os momentos derradeiros dos 10 anos em companhia de Garibaldi, até sua morte:

Já na Europa “Anita está presente em vários combates. Nessa ocasião havia cortado o cabelo e usava um traje masculino e mais o tradicional chapéu de abas largas enfeitado com uma pluma”.³⁸ Em uma fuga acompanhando Garibaldi, Anita adoece e morre. Morria sem uma palavra de amargura, sem um gesto de revolta, sem uma imprecação. Era a Aninha do Bentão, a Anita Garibaldi que iniciava o seu caminho para o país dos espíritos, para o reino dos glorificados, cujo roteiro áspero e ingrato foi vencido com dores, com desenganos, com canseiras e desilusões (*Ibidem*, p. 78).

Com estes trechos do livro de Walter Zumblick (2012) e analisando as ilustrações de Willy Zumblick expostas no Museu Willian Zumblick na cidade de Tubarão/SC e de acervo



particular em posse de familiares, percebe-se todo um esforço em reforçar a ideia da “Heroína dos Dois Mundos”, título que conquista por seus feitos como mãe dedicada, pecadora, guerreira, “mas que se redimiou através de tantos sofrimentos e lutas, e por fim, o retrato da mulher que lutou por amor” (MACHADO, 2012, p. 63).

Segundo Karla Machado, deve-se ponderar as representações de Anita no âmbito da construção do processo histórico, e seus possíveis e intencionais usos, “articulando a construção discursiva da representatividade com a construção social dos discursos que a envolvem” (*Ibidem*, p. 63).

Acompanhando a análise de obras que construíram a imagem heroica de Anita Garibaldi está a biografia de Wolfgang Rau, que no ano de 1975 publica “Anita Garibaldi – perfil de uma heroína brasileira”, tornando-se obra referência para estudos sobre o assunto.

2.1.1.1.1 Biografia Wolfgang Rau – Anita Garibaldi: o perfil de uma heroína brasileira (1975)

O escritor suíço, naturalizado brasileiro e radicado em Santa Catarina, Wolfgang Ludwig Rau, foi, em primeiro plano, um grande defensor de Anita. Em seu livro biográfico, o pesquisador revela uma pesquisa de anos em favor de construir a imagem de Anita como heroína do Brasil, ao seu ver, até então injustiçada e julgada. O autor também teve uma importante contribuição para que se confirmasse a nacionalidade de Anita e seu local de nascimento, visto que não foram encontrados registros preservados sobre o tema.

Rau era arquiteto de formação, mas tomado pelo declarado amor e dedicando uma vida inteira à Anita, escreve um capítulo de seu livro de particular interesse para esta dissertação, intitulado “Quando a mulher se torna heroína”, no qual, como não poderia ser diferente, procura convencer o leitor, de mil maneiras, porque enfim Anita deve ser considerada uma heroína:

Praticou feitos guerreiros de fama imorredoura: sofreu privações e dores que lhe poderiam valer o emblema de mártir. Mulher exemplar do homem a quem amou e mãe carinhosa, combatente diante de encarniçados inimigos, sempre lutando ao lado de seu companheiro e marido, o imortal José Garibaldi (RAU, 1975, p. 165).

Após a publicação do estudo “Anita Garibaldi: perfil de uma heroína brasileira”, muitas outras obras sobre a heroína vieram ao longo do século XX. Mas é curioso asseverar que o estudo de Rau sempre serviu de ponto de partida para os que a ele se seguiram. É fato que Rau deixa seus juízos encontrarem grande espaço no estudo, mas, ainda assim, sua obra continua a



despertar grande interesse nos historiadores, pois a mesma conta com documentação relevante para estudos propostos pelos especialistas.

Rau busca, de várias formas, convencer o leitor de que Anita é digna de ser considerada uma heroína, mesmo não oferecendo detalhes históricos dos eventos que demonstrassem tal afirmação. A obra é a mais completa até 1975, em plena ditadura militar, contando com o prefácio de Oswaldo Rodrigues Cabral, historiador e político catarinense, o qual também foi professor da Universidade Federal de Santa Catarina e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

3 BIOGRAFIAS POPULARES

Nesta parte final da dissertação, continuamos a analisar a construção da imagem de Anita que se seguiu à obra de Wolfgang Rau, sem perder de vista a historiografia pertinente ao período. No capítulo, serão apresentadas comemorações, eventos, publicações em jornais que ratificaram a heroicização de Anita, e biografias em muito tributárias dos documentos publicados por Rau, como acontece na obra do jornalista Paulo Markun (1999) “Anita Garibaldi: uma heroína brasileira”.

A biografia de Paulo Markun é apresentada na comemoração dos quinhentos anos de Descobrimento do Brasil, e 150 anos da morte de Anita Garibaldi. O produto final é repleto de fatos históricos, e obviamente, profunda pesquisa histórica. Com um caminhar detalhista, o romance histórico apresenta vasta iconografia ao longo das páginas, narrando a história de Anita por meio da história oral, de epístolas, mapas entre outros, remontando, assim, da infância até a morte da heroína. Também expõe eventos que colaboraram para transformar a imagem de Anita, como quando descreve o cortejo fúnebre do último enterro da esposa de Garibaldi, realizado por iniciativa de Benito Mussolini, em 1932, na Itália. Mussolini também esteve de corpo presente no cortejo, em Roma (MARKUN, 1999).

Markun, como jornalista e escritor competente e reconhecido entre seus pares, constrói uma narrativa que busca, por meio de várias estratégias narrativas, convencer o leitor de que se trata, ao contrário do livro apaixonado de Rau, de uma história imparcial, detalhando fugas, lutas e feitos históricos em ambos os continentes pelos quais o casal Garibaldi transitara.

O autor tece a construção de Anita como heroína de dois mundos, assim como outros autores fizeram, mas com um domínio superior, em particular, na capacidade de construir



contextos históricos abrangentes que conferem sentido mais crível às ações da biografada. Markun organizou documentos históricos e analisou a obra de Rau, entre outras, recontando a história de Anita a partir de sua icônica morte.

Desta forma, a biografia se torna mais atrativa aos leitores transformando a ordem cronológica em um artifício para a literatura histórica. Nada ali havia de inovação estilística, mas começar a contar a vida pela morte não deixava de ser curioso para o universo de leitores não especializados que compunham o alvo de seu livro.

Após realizar ao longo da dissertação um mapeamento das mais significativas biografias produzidas, direta ou indiretamente, sobre Anita é importante, ao final deste capítulo, visualizar algumas sobre a Anita que surgiram após ano de 1999. O interesse deste estudo é demonstrar a forma romanceada ou narcisista como um personagem é construído, só para recordarmos aqui algumas das implicâncias manifestadas por Jacques Le Goff que, não obstante, também estiveram presentes na construção da imagem de Anita Garibaldi.

O livro conta, com riqueza de detalhes, momentos históricos os quais estavam inseridos os Garibaldi, narrando até a morte de Giuseppe Garibaldi. Também expõe o cortejo fúnebre do último enterro de Anita, realizado pelo regime fascista de Mussolini, em 1932. O prefácio desta obra fica a cargo do sociólogo e ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, que expõe a importância da redescoberta desses personagens históricos nos 500 anos do Brasil:

Concluo retomando a questão da oportunidade de trabalhos como o de Markun. Lembrei que os 500 anos convidam à redescoberta de figuras que fizeram história. Parece-me importante que os nomes escolhidos possam estimular a reflexão sobre os desafios do presente. A saga dos Garibaldi é um bom exemplo (MARKUN, 2009, p. 78).

Markun narra os momentos heroicos protagonizados por Anita de forma quase imparcial, detalhando fugas, lutas e feitos históricos em ambos continentes por qual passou, tecendo a construção de Anita como heroína de dois mundos. O autor narra a primeira fuga de Anita, oito dias após ter sido capturada pelos imperiais em uma batalha na região de Curitiba de forma célebre:

Meio montada, meio nadando, cruzou o rio e seguiu galopando pela noite escura, usando uma espécie de poncho branco do marido, que encontrara numa casa do caminho. Assim vestida e com seus cabelos negros despenteados pelo vento, acabou por espantar os que buscavam fúteis, que a confundiram com uma aparição. Dois dias depois chegou a uma cabana onde havia ficado com Garibaldi e que estava vazia. Conseguiu abrigo na casa de duas solteironas, que a receberam com temor: estava como homem, de poncho e chapéu. As velhinhas só mudaram a atitude quando ela



ergueu a roupa e provou que era mulher. Acabou encontrando Garibaldi perto de Lages, oito dias depois da separação. E quando o coronel Teixeira Nunes perguntou como ela havia chegado até ali, Anita respondeu singelamente: “vim vindo, coronel. Vim vindo...” (MARKUN, 1999, p. 171).

4 CONCLUSÃO

O intuito deste artigo, para além do mapeamento de notícias de jornal produzidas nos finais do Oitocentos e no início da centúria seguinte, e das biografias produzidas ao longo do século XX a respeito de Ana Maria de Jesus Ribeiro foi acompanhar alguns dos principais momentos do processo de construção da imagem heroica de Anita Garibaldi, desde sua morte, em 1849, até a publicação da biografia de Paulo Markun, em 1999, colocando a mão fontes não analisadas até então, assim como inovação em sua abordagem, saindo do curso da História linear.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Fernando Henrique. *Prefácio*. In: Markun, Paulo. **Anita Garibaldi**: o perfil de uma heroína brasileira. Ed. Edeme, 1975.

CAPUANO, Yvonne. *Anita e Giuseppe Garibaldi na Revolução Farroupilha*. In: DE BARROS FILHO, Omar L.; SEELIG, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia (org.). **Sonhos de liberdade**: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Porto Alegre, 2007, p. 172-173.

CARTA, Gianni. **Garibaldi na América do Sul**: o mito do gaúcho. São Paulo: Boitempo, 2013.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Memória, mito e identidade*: farroupilhas e italianos no Rio grande do Sul. In: DE BONI, Luís A. & Costa, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Universidade de Caxias/ Correio Riograndense, 1984.

DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi**. São Paulo: L&PM Pocket, 2000.

Jornal **Correio Mercantil**, Rio de Janeiro. Publicações de 14/07/1849; 29/07/1849; 31/07/1849; 07/08/1849; 14/08/1860; 29/11/1860 e 02/12/1860.

Jornal **A Federação**, Porto Alegre. Publicações de 20/09/1885; 20/08/1912; 06/09/1935; 25/09/1935; 28/09/1935; 20/05/1936; 20/10/1951; 25/01/1952.

Jornal **O diário da tarde**, Curitiba. Publicações de 06/05/1941; 20/07/1944; 04/08/1949; 21/12/1949.



Jornal **O Estado de São Paulo**, São Paulo. Publicações de 25/04/1999; 10/08/1999; 13/09/1999.

MACHADO, Míran Karla. *Anita retratada pelos irmãos Zumblick*. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, UFSC, v. 6, n. 1, 2012.

MARTINS, Ana Luíza; DELUCA, Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MARKUN, Paulo. **Anita Garibaldi, uma heroína brasileira**. 5ª Ed. São Paulo: Senac, 1999.

NOGUEIRA, Isabella. **Alexandre Dumas e Giuseppe Garibaldi: a construção de um herói?** Disponível em <
[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(118\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(118).pdf)> Acesso em 20/08/2017.

RAU, Wolfgang Ludwig. **Anita Garibaldi: o perfil de uma heroína brasileira**. Ed. Edeme, 1975.

REZENDE, Daniela Leandro. *Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda*. **Revista Pensamento Plural**, Pelotas, jul.-dez., p. 7-27, 2015.

RIBEIRO, Fernanda Aparecida. **Anita Garibaldi coberta por histórias**. Ed. Unesp, 2011.

_____. *As histórias de Anita Garibaldi*. **Revista Alere** – Programa de pós-graduação em estudos literários, v. 4, n. 4, 2011.

RIBEIRO, José Alcides. *Correio mercantil do Rio de Janeiro: modos jornalísticos e literários de composição*. **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Computação**, Rio de Janeiro, p. 5-9, 2005.

_____. **Correio Mercantil: gêneros jornalísticos, literários e muito mais...** Revista USP, São Paulo, n.65, pp. 131-147, março/maio 2005.

ROCHA, André Pereira. *A escrita biográfica em “São Luís: biografia” de Jacques Le Goff*. **Caderno de resumos & Anais do 2o. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas**. Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

SANTOS, Georgina Silva dos. *São Luís: o retorno da historiografia francesa à biografia*. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 261-26, 2001.

SANT’ANA, Elma. *Os Garibaldi como símbolo de integração entre a América do Sul e a Europa Mediterrânea*. In: **Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e**



Anita. Porto Alegre: Laser Press Comunicação, 2007, p. 175-180.

SOUTO, Cíntia Vieira. *Anita Garibaldi: heroína, mais virtuosa*. In: **Caderno de Resumos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos**, Florianópolis, UFSC, 2006. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf> Acesso em 15.jun.2016.

SOUTO, Cíntia Vieira; BISCHOFF, Álvaro. **Garibaldi e a Revolução Farroupilha**. In: **Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita**. Porto Alegre: Laser Press Comunicação, 2007

SOUTO, Cíntia Vieira. *Anita Garibaldi, heroína, mas virtuosa*. **História, gênero e trajetórias biográficas**, ST. 42. Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Disponível:<http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf>

ZUMBLICK, Walter. **Aninha do Bentão**. Prefeitura de Tubarão/Ioesc, Tubarão, 1980.